

“Infância Branqueada: Representatividade e Construção de Identidades nos Livros Infantis e Paradidáticos”

Prof. Dr. Marcos José Zablonsky

Ana Júlia Rodrigues Barbosa

Resumo

A literatura infantil desempenha papel central na formação do imaginário e da identidade das crianças, atuando como instrumento pedagógico e simbólico que orienta valores, percepções e afetos. Este artigo discute a ausência histórica de representatividade racial e cultural nos livros infantis e paradidáticos brasileiros, relacionando-a à herança colonial e ao funcionamento da indústria cultural. Fundamentado em autores como Frantz Fanon, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, bell hooks e Paulo Freire, o estudo analisa como a branquitude se consolidou como norma estética e epistemológica, invisibilizando corpos e vozes negras, indígenas e periféricas. São examinadas as implicações desse apagamento simbólico na formação subjetiva das crianças e as possibilidades de resistência promovidas por uma literatura comprometida com a diversidade. O artigo também destaca o papel dos mediadores: professores, famílias, editoras e meios de comunicação na promoção de uma educação e de uma comunicação antirracistas, enfatizando o dever ético das universidades e das grandes redes midiáticas na construção de um imaginário plural e democrático. Conclui-se que a literatura infantil não é apenas um espelho da sociedade, mas um espaço de disputa simbólica capaz de transformar percepções e ampliar horizontes de reconhecimento. Garantir a presença de diferentes corpos e histórias na infância é um ato de soberania simbólica e de justiça cognitiva, essencial para formar gerações que aprendam a ler o mundo em todas as suas cores e vozes.

Palavras-chave: literatura infantil; representatividade; branquitude; educação antirracista; comunicação.